



NO MEU CORPO

IN MY BODY

Naira Rosana Dias da Silva

Universidade Federal de Goiás, Brasil
naira.rosana.dias@gmail.com

Andréa Alcântara Almeida Amorim

Universidade Federal de Goiás, Brasil
deyaamor2009@hotmail.com

Link para visualização da narrativa:

<https://youtu.be/gQEDg1uDdhk>

Resumo

No meu corpo (2018), curta-metragem de 5 minutos, teve a participação da doutoranda Naira Rosana com o roteiro, direção geral e de fotografia e montagem e edição; participação de Andréa Amorim, mestranda, argumentadora e colaboradora; participação de Igor Felipe Assis, parceiro na fotografia do filme e produção; e atuação de Júlia Caetano, a entrevistada e atriz do filme. Fora do âmbito *mainstream*, sem incentivo financeiro de leis de cultura, o curta enquadra-se como uma produção independente e foi custeado com recursos próprios para pagamento da equipe. Desse modo, o filme apresentado trata-se de uma primeira versão, pois o mesmo encontra-se em fase de pós-produção para ser enviado a festivais de cinema. *No meu corpo*, título escolhido visando nossas pesquisas de doutorado e mestrado às quais dialogam sobre gênero, com foco à mulher. O tema baseia-se em relação às vivências da mulher negra retratada com o seu corpo nu. Como um documentário híbrido, assimila elementos dos variados *modos do documentário* explanados por Nichols (2010): *poético*; *expositivo*; *docuficção* ou *docudrama*; *performático*. Sabendo que, Machado (2011) afirma que o termo documentário, no sentido de documentar o verdadeiro, vem tendo seu conceito ampliado. Para a criação do curta, questionamos como as componentes do *Guerrilla Girls: as mulheres precisam estar nuas pra aparecerem no Cinema?* Como problemática, queríamos evitar o olhar que agraciaria ao *voyeur* e a *objetificação* do corpo da mulher, pois, tínhamos em mente a *Teoria Feminista do Cinema* (MULVEY, 1975; KAPLAN, 1995), portanto, evitou-se movimentos de câmera que lembrassem tais fatores. Usou-se em maioria a câmera fixa e planos fechados com enquadramentos em recortes no corpo. A opção pelo nu seria uma ironia ao padrão de beleza imposto e uma forma de Júlia declarar sua autonomia, sua liberdade enquanto mulher, enquanto senhora de si, já que na entrevista ela expressou que sempre fica nua em casa sozinha. É o seu costume e ela gosta da liberdade do corpo. Havia o intuito de filmá-la no lar, na intimidade, sendo a casa e o nu figuras de linguagem para o interior das memórias de Júlia: casa-corpo-memórias. O corpo nu ainda remete ao título da obra, ao aspecto plástico, como se Júlia fosse uma escultura, rememorando as *clássicas*, estudadas nos livros de *História da Arte* tradicionalmente ensinados nas escolas com perspectiva europeia. Mas, essa escultura viva é uma ironia: uma mulher negra! Imagens dos livros de *História da Arte* foram projetadas no corpo de Júlia, o que igualmente corrobora com o título e com as discussões propostas. *O Nascimento de Vênus* de Botticelli, evoca a mulher branca, magra, de cabelos compridos, olhos claros e traços afilados como o ideário de beleza e remonta às histórias das mulheres negras brasileiras, que sofreram a imposição das *marcas de poder* do mundo branco em seus corpos. No

filme, a argumentação da identidade étnico-racial à qual Júlia pertence aparece também em sua fala, quem *descobrir-se* negra recentemente, a partir do seu contato com a capoeira e com as discussões acadêmicas sobre as políticas dos corpos e relações étnico-raciais. Tendo a pele negra clara e nariz afilado, com o cabelo alisado, antes de se assumir, era interpretada como branca. No Brasil, mesmo que a mulher se autodeclare negra num pertencimento de herança genética, esta identidade será afirmada principalmente pelo modo como ela é identificada fenotipicamente pela sociedade através de sua aparência externa, e não pela herança genética se esta não transparece no corpo. Pelo *colorismo*¹, a cor da pele negra clara estabelece relações mais privilegiadas na sociedade brasileira, do que se Júlia fosse uma negra azeviche com traços mais africanizados. Assim, Júlia logra mais aceitação para transitar nas camadas sociais às quais frequenta e de ter melhores oportunidades no estudo, trabalho, afetos. Ainda, Júlia é percebida como a *negra tipo exportação*² devido a *hipersexualização* atribuída ao seu corpo. Vista como *exótica* ao sexo, alvo da *objetificação*. Quisemos deixar Júlia no anonimato não mostrando seu rosto e evitamos indicadores de onde Júlia fala. Ela é qualquer mulher, qualquer mulher negra com experiências similares. No Brasil e em Goiás, a maior parte das diretoras mulheres realizam curtas e documentários e há de se considerar os discursos sobre a inserção da mulher negra diante e por trás das câmeras. Inclusive, debater a *Teoria Feminista do Cinema* nos dias atuais (GUBERNIKOFF, 2016), refletindo sobre a diversidade de corpos, de relações, de raças, perfis e vivências de mulheres, de lugares. Portanto, a mulher negra no cinema ainda necessita de espaço diante e por trás das câmeras para a negociação do diálogo visual, já que o sujeito constrói sua identidade manipulando as representações culturais e sociais existentes.

Palavras-chave: gênero; cinema negro; documentário híbrido; feminismo negro.

Abstract

“In my body” (2018), 5 minutes short film, had the participation of doctor’s degree student Naira Rosana who wrote the screenplay, directs the film and created the photography and editing the movie. There were the participation of master’s student Andrea Amorim like collaborator of the movie; Igor Felipe Assis, partner in film photography and production; and Julia Caetano, interviewed and actress in the movie. Outside the mainstream, without financial incentive laws for culture, the short movie as an independent production and was funded with own resources to pay the team. In this way, the movie presented it is a first version, because it is in post-production to be sent to film festivals. “In my body”, title chosen targeting our doctoral and masters research which dialogue about gender, focusing on women. The theme is based on respect of black women’s experiences portrayed with your naked body. As a hybrid documentary, assimilates elements of varied ways. As a hybrid documentary, assimilates elements of varied modes of documentary explained by Nichols (2010): poetic; expository; docudrama; scam artist. Knowing that, Machado (2011) explains that the term documentary in order to document the true, been having your concept extended. For the creation of the short film, we question how the components of the “Guerrilla Girls”: “Women need to be naked to show up in the movies?” As problematic, we wanted to debate the way like voyeurs looking for women in cinema and the objectification of the female body. So, we had in mind the “Feminist Film Theory” (MULVEY, 1975; KAPLAN, 1995) therefore, avoided camera movements that would remember such factors. It’s used in most of the stationary camera and closed with frameworks in cutouts on the body. The black woman naked would be an irony to the standard of beauty and a form of Julia declare your autonomy, your freedom as a woman, since in the interview she expressed that always gets naked at home alone. Is your usual and she likes the freedom of the body. Had to film it in the home, in intimacy, being the home and the nude figures of speech into the memories of Julia: Home-body-memories. Still naked body refers to the title of the work, the plastic aspect, as if Julia was a sculpture, reminiscing about the classic, studied in Art History books traditionally taught in schools with European perspective. But, this living sculpture is an irony: a black woman! Images of Art History books are designed in Julia’s body, which also corroborates with the title and with the discussions. The birth of Venus by Botticelli, evokes the white woman, thin, long hair, light eyes and tapered strokes as the ideals of beauty and dates back to the stories of Brazilian black women, who have suffered the imposition of the power of the white world in their bodies. In the film, the arguments

of ethnic-racial identity to which Julia belongs also appears in your talks, who had discovered herself recently from black your contact with capoeira and with academic discussions about the political of the bodies and relationships ethnic-racial. Being a black woman, but having a clear skin and sharp nose, with her hair smoothed before they assume, was interpreted as white. In Brazil, even though the woman is black autodeclare a belonging of genetic inheritance, this identity is asserted mostly by the way she is phenotypically identified by society through your outward appearance, not genetic inheritance if it transpires in the body. By “Colorism”¹, skin color clearly establishes more privileged relations in Brazilian society, what if Julia was a dark skin like native Africans. So, Julia achieves more acceptance for use in society to which attends and had better opportunities to study, to work, and get a man to marry her. Still, Julia is perceived as a “black type to export” due what the society attributed to your body, like a sex symbol or a woman just to have sex not to marry. Seen as exotic woman, target of objectification. We wanted to let Julia in anonymity not showing your face and avoid indicators where Julia talks. She is every woman, any black woman with similar experiences. In Brazil and in the State of Goiás, most women directors making short and documentary films and one has to consider the speeches about the insertion of the black woman in front and behind the camera. Even discussing the “Feminist Theory of Cinema” today (GUBERNIKOFF, 2016) reflecting on the diversity of bodies, of relationships, of races, profiles and experiences of women, of places. Therefore, the black woman in the movies still need space in front and behind the camera for visual dialogue negotiation, since the subject builds your identity handling cultural and social representations.

Keywords: gender; black cinema; hybrid documentary; black feminism.

Referências

GUBERNIKOFF, Giselle. **Cinema, identidade de feminismo**. São Paulo: Pontocom, 2016.

KAPLAN, Ann E. **A mulher e o cinema: os dois lados da câmera**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. In: XAVIER, Ismail (Org.) **A experiência do cinema**. Rio de Janeiro: Graal, 2003, p.437-453.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5.ed. Campinas: Papirus, 2010.

Documentos eletrônicos

DJOKIC, Aline. **Colorismo: o que é, como funciona?** Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/colorismo-o-que-e-como-funciona/>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

GONÇALVES, Bianca. **Morenas exóticas: um debate sobre colorismo, negritude e arquétipos femininos da ideologia da mestiçagem**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/morenas-exoticas-um-debate-sobre-colorismo-negritude-e-arquetipos-femininos-da-ideologia-da-mesticagem/#axzz3Ss9kQuxs>>. Acesso em: 01 jul. 2018.

MACHADO, Arlindo. Novos territórios do documentário. **Doc On-line**, n. 11, p.05-24, dez, 2011. Disponível em: <http://www.doc.ubi.pt/11/dossier_arlindo_machado.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2018.

SILVA, Naira Rosana Dias da; AMORIM, Adréa Alcântara Almeida et al. **No meu corpo**. Curta-metragem. 5 min. 2018.



Minicurrículo

Naira Rosana Dias da Silva

Doutoranda e mestra em Arte e Cultura Visual pelo PPGACV e bacharela em Artes Visuais pela FAV-UFG. Artista visual, atuando com performance art ou ações urbanas, fotografia, videoarte e cinema. Atualmente, desenvolve pesquisa em arte contemporânea e Cinema em Goiás, com foco à produção realizada por mulheres e à representação da mulher, principalmente, à mulher negra.

Andréa Alcântara Almeida Amorim

Mestranda em Arte e Cultura Visual pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Licenciada e Bacharelada em Artes Visuais pela mesma instituição. Investiga a representação da figura da mulher nos livros didáticos de Arte no Brasil.